

JULIO DANTAS

VIRIATO TRAGICO

SEculo XVII



LISBOA

MANOEL GOMES, EDITOR

LIVREIRO DE SUAS Magestades e Altezas

Rua Garrett (Chiado); 70-72

MDCCC

1.^a Ed.
1.200.

VIRIATO TRAGICO

COMEDIA DE CAPA E ESPADA

*Representada pela primeira vez, em março de 1900,
no Theatro D. Amelia*



JULIO DANTAS

VIRIATO

TRAGICO

SECULO XVII

«Contentar a todos, ninguém o alcançou; muitos
se contentaram com aprazer a muitos.»

Antonio Ferreira — Comédias.



LISBOA
MANOEL GOMES, EDITOR
LIVREIRO DE SUAS Magestades e Altezas
Rua Garrett (Chiado), 70-72

MDCCC

FIGURAS D'ESTA COMEDIA

O RISO (Prologo).....	Augusto Rosa
BRAZ GARCIA MASCARENHAS.....	Eduardo Bração
D. SANCHE MANOEL.....	Augusto Rosa
MARCOS GARCIA.....	João Rosa
BRISTO.....	A. Antunes
SAN-VITO.....	A. Pinheiro
GIL BARROCA.....	Luiz Pinto
MEM ROSADO.....	Henrique Alves
VASCO OLEIRO.....	João Gil
1.º PASTOR.....	Alfredo Santos
2.º PASTOR.....	Carlos de Oliveira
3.º PASTOR.....	Alvaro Cabral
4.º PASTOR.....	Massas
MARTIM RUIVO.....	Bayard
O CLERIGO DO MONTANTE.....	Setta da Silva
UM AMIGO de Braz Garcia.....	Lagoa
1.º VELHO.....	Carlos O'Sullivan
2.º VELHO.....	Antonio Pedro
3.º VELHO.....	Nunes
UM PAGEM de estrado.....	Salles
O SARNENTO.....	Oliveira
O NEGRO.....	Silva
3.º RUFIAO.....	Salles
MARIA.....	Rosa Damasceno
BRAZIA, adela e cabelleireira.....	Anna Pereira
HELENA MADEIRA.....	Carolina Falco
MAGDALENA.....	Maria Falcão
CATHARINA.....	Amelia Pereira
LUZIA.....	Elvira Santos
MANA BEZERRA.....	Jesuina Saraiva
MANA BRANCA GIL.....	Amelia O'Sullivan
1.ª CIGANA.....	Maria Falcão
2.ª CIGANA.....	Amelia Pereira
3.ª CIGANA.....	Palmeira Torres

Pastores, pastoras, serranos e serranas da Estrella,
fidalgos, arcabuzeiros, piqueiros, ciganas, pagens de tocha, trombeteiros,
atabaleiros, homens e mulheres do povo, etc.

SEculo XVII



PROLOGO

O RISO, entrando, ás gargalhadas, vestido d'uma tunica bicolôr constellada de guisos, com seu bírrô de grã onde tilinta um cascavêl de prata, palheta doirada a reluzir na mão, e fazendo, em esgares de chasco insolente, as tres medidas classicas:

*Pois não sabeis quem sou? Corpo canhéstro e toscó,
Vivo dentro de vós e dou-me bem comvosco!
Heroico e folião, mas doloroso ás vezes,
Sou useiro e veseiro em beijos portuguezes!
Olhae-me bem! Reluz na minha mão crispada,
Como um raio de sol, a palheta doirada;
E a máscara que trago, a tregeitar de troça,
Esta máscara torpe... é a imagem da vossa!
Vêde com que tinído e graça chocarreira
O argenteo cascavêl tilinta na gualteira!*

Bargantão e boçal, indifferente e charro,
 Olhae bem para mim: somos do mesmo barro!
 A minha casa é o mundo; a minha voz é o guiso!
 Sou a monstruosidade a que se chama Riso, —
 O riso que se compra, o riso que se paga!
 Retino como a prata e rasgo como a chaga!
 Sou eu que a foliar desde epochas já velhas
 Repuxo a vossa bocca á frente das orelhas;
 E se de vós me aparto, humanidade brusca,
 Compraes-me a peso d'ouro e andaes á minha busca!
 Basta olhar-me uma vez: reconhecer-me-heis!
 Ante mim são eguaes os mendigos e os reis,
 E faço, como a morte, a humanidade egual!
 Olhae bem para mim, terra de Portugal!

E agora, que sabeis a raça de folião
 Que está comvosco, olhae a transfiguração!
 Sou eu, parto da Farça, alma da roindade,
 Tão velho, ou talvez mais, que a velha humanidade,
 Sou eu, irmão da luz e do Lazaro antigo,
 Vosso abrigo melhor, vosso melhor amigo,
 É o Riso que desce ás tristezas terrenas
 Para vir-vos pedir... uma lagrima apenas!

*Lagrima por um poeta heroico, apaixonado,
Grenha fulva aloirando o mantêu enrocado,
Forte espada de ferro, á moda portugueza,
Vesada a defender os que não têm defeza,
Lagrima por um poeta ousado, rude e altivo,
Ha muito tempo morto e para sempre rivo,
Poeta do coração, poeta das viellas,
E que fez, como irmão mais novo das estrellas,
O que hoje em Portugal poucos sabem fazer:
— Amar a sua terra e amar uma mulher!*

PRIMEIRO ACTO

Um recanto da Lisboa do século XVII. Os dois planos da casaria da esquerda e da direita encontram-se, ao fundo, n'um grande arco que abre para a betesga. O arco é largo: tem, ao cimo, na sombra do telheirinho, uma imagem de azulejo com sua luz de azeite, e em baixo, de cada lado, um alveiro de pédra caiada. Na casaria, á E. e á D., paredes de resalto, janellas adufadas, portas estreitas de largo poial, nichos vãos... Á E. baixa, porta da taverna de *Martim Ruivo*: pequeno telheiro, candeia, ramo de pinho; perto, escabéllos e banca. Á E. alta, porta para as moradas de *mana Beçerra* e *mana Branca Gil*, paredes meias: ao cimo, duas janelinhas de adufa, praticaveis, uma das quaes, a de *mana Beçerra*, fica na ilhargia d'um resalto, de modo a afrontar com o espectador. Á D. baixa, a olaria de *Vasco Affonso*: vê-se a roda onde o oleiro trabalha. Sobre um taboado tosco, á porta, potes, cantaros e infusas, que estiveram ao soalheiro. Á D. alta, uma escadinha exterior, dez ou doze degraus de pédra gasta, dando para a morada da *Braçia adêla*: sobre o topo do mainel, taboleiro florido.—Pôr do sol de março.



PRIMEIRO ACTO

SCENA PRIMEIRA

GIL BARROCA, MEM ROSADO, MARTIM,
BEZERRA, BRANCA GIL

Gil Barroca e Mem Rosado, assentados á banca, entre um baralho de cartas e um pichél vasio; mana Bezerra e mana Branca Gil, nas janellinhas de adufa, conversando uma com a outra. Pouco depois, Martim Ruivo.

GIL BARROCA

Pois sempre te digo que as hostarias de Flandres e da Italia teem melhor focinho do que esta! Linda terra, a de Flandres! Por lá matei, esfolei, rufiei e bebi! Sobre tudo, bebi!

BEZERRA, a Branca Gil

É verdade! Aquelle páteo das Arcas parece coio de excommungados! Os cómicos dizem coisas que são d'uma pessoa córar!

MEM ROSADO, agarrando no baralho de cartas

Vae a parsoleta ou o quinze, Gil Barroca?

GIL BARROCA

A parsoleta. É o que eu jógo sempre na horta do Ducado.

BRANCA

Então como se chamava a comédia que lá viu, ó mana Bezerra?

BEZERRA

Faz lá idéa! *Entremez famoso da Infanta Palançona!* Ai que peccados aquellas almas disséram! Quando cheguei a casa resei logo uma laidinha...

BRANCA

Tambem é muito bom deitar agoa benta nos ouvidos...

BEZERRA

Ah! Isso não fiz...

GIL BARROCA

Dizia San Raymundo que do jogo nascem sete peccados... (*jogando*) Dama!

MARTIM, entrando com o vinho

Um pichél de rosête!

MEM ROSADO, jogando

Rei!

GIL BARROCA

Cá para mim o peor é o vinho...

BRANCA

Antes ouvir um sermão ou qualquer outra coisa santa!

GIL BARROCA

O vinho... e as mulheres!

MEM ROSADO, com desdem

As mulheres! (*jogando*) Quina de páus! Lá diz a chocarrice castelhana... *Buena mula, buena cabra y buena mujer, son tres malas bestias...*

BEZERRA

Sempre gostava de saber quem foi que escreveu aquella amaldiçoada comédia!

BRANCA

A Brazia adéla, que mora ali defronte, talvez saiba...

BEZERRA

Ainda não veio. Quando viér pergunto-lhe.

GIL BARROCA, jogando

Rei d'oiros! Ganhei!

BEZERRA

Ou então, talvez o Martim Ruivo... (*chamando*)
Ó Martim Ruivo! De quem é a comédia que
hontem se representou no páteo das Arcas?

GIL BARROCA

A Infanta Palançona? Isso, mana Bezerra,
já é entremez vélho!

BEZERRA, indignada

Mas quem foi o devasso que o escreveu?

MEM ROSADO

Foi um de nome Simão Machado. Já corre
impréso.

BEZERRA

Ah, já corre impréso...? Então vou comprar.

BRANCA

Pois quê? A mana Bezerra affligiu-se tanto e quer lêr?

BEZERRA

Já agora... Se elle corre imprêso... Assim como assim, tenho de deitar agoa benta nos ouvidos, deito-a tambem nos olhos...

GIL BARROCA, ás gargalhadas

A beata deu em chocarreira!

BEZERRA

Até logo, mana Branca Gil, que se me queima o capão assado...

BRANCA

Até logo, mana Bezerra.

As duas beatas cerram as adufas

GIL BARROCA

Bôa vizinhança tens, Martim Ruivo! Cá no sobrado de cima, duas beatas mexeriqueiras que mexericam de tudo... Ali defronte, a Brazia adéla...

MARTIM

Que tem a filha que tem!

GIL BARROCA

Aquella santa doirada, é verdade... Essa sim, que faz bôa visinhança! (*Ouve-se cantar o Vasco oleiro*)
E então ali o Vasco oleiro, que parece que nasceu a cantar do ventre da bandarrinha...!

SCENA SEGUNDA

GIL BARROCA, MEM ROSADO, VASCO OLEIRO

MEM ROSADO, a Vasco oleiro, que assoma à porta cantando e sobraçando um pote de barro

Olá, Vasco oleiro!

VASCO OLEIRO

Olá!

(*entoando*)

Pastora que ides a monte
Pelo mattinho chorando,
Vae-vos o gado mingoando...

GIL BARROCA

Tirou o torno ao gargueiro! Raios o partam!

MEM ROSADO, ao oleiro

Isso é villancete do Braz Garcia?

VASCO OLEIRO, deitando um olhado de rançor a Gil Barroca, por sobre o hombro

Os homens são como os potes de barro... Quando a gente os faz falar... *(batendo com os nós dos dedos no bojo do cantaro)*... é que vê de que raça elles são !

GIL BARROCA, voltando-se, brusco

Que estás tu para ahi a rosmear, ó meu alma de cantaro ?

VASCO OLEIRO

Nada. É com os potes.

GIL BARROCA

Quem eu te quero á perna é o Braz Garcia, se dás em lhe errar os versos do villancete...

MEM ROSADO

Isso é que elle não perdôa a ninguem!

GIL BARROCA

Bate-te a solfa nas costas!

VASCO OLEIRO, a Gil Barroca

A ti é que eu t'ô quero á perna se ateimas em embicar cá para cima, para a filha da Brazia... E olha que se o Braz Garcia te põe mão, deslomba-te!

GIL BARROCA, levando a mão á espada

Antes que elle me deslombe te hei de eu metter esta pelas guelas abaixo, barzoneiro, a vêr de que barro és feito!

VASCO OLEIRO, recolhendo-se na loja

Enganas-te. Cá o meu não é amassado com vinho...

SCENA TERCEIRA

GIL BARROCA, MEM ROSADO, MARTIM RUIVO,
SAN-VITO

SAN-VITO, entrando, n'um andar bailado, em tregeitos e em esgâres

Alviças! Alviças!

MARTIM

Olha o San-Vito!

MEM ROSADO

Alviças porquê, San-Vito?

SAN-VITO

Já temos novo governador da Beira!

MEM ROSADO

Quem é?

GIL BARROCA, a San-Vito

Desemperra essa lingoa!

SAN-VITO

Fernão Telles de Menezes!

MEM ROSADO

Este sim, que é d'antes quebrar que torcer!

SAN-VITO

Vae com elle, por méstre de campo d'um terço, sabeis quem?

GIL BARROCA

Dize lá!

SAN-VITO

O senhor D. Sancho Manoel!

GIL BARROCA

Ah! D. Sancho Manoel...? Bem sei. Conheci-o em Flandres!

MEM ROSADO

Dizem que é valente e de bôa sombra!

MARTIM

Os castelhanos hão de amostrar-lhe as sólas dos pés!

GIL BARROCA, fanfarrão

É cá dos meus. Séte légoas de bojo, poucos escrupulos, enganador, sabendo dar bem um mão-dóbre e um altabaixo, bigode açafreado, grandes ligas com pontas d'ouro, guedelha enorme sobre o mantéu flamengo, e chegado a mulheres que tem diabo! Honra de moça virgem ao pé d'elle, não ha nenhuma que não québre... Tal qual como ali os potes do Vasco oleiro, que mal a gente lhes põe mão... racham logo!

VASCO OLEIRO, da soleira da porta

Tinhoso!

SAN-VITO, com o nariz para a portinha da Brazia, chamando

Mana Brazia! Ó mana Brazia!

MARTIM

Que estás tu a barregar, homem! Ainde não veio.

GIL BARROCA

Que é que tu queres á Brazia adéla?

SAN-VITO, mysterioso

São coisas cá da gente os dois...

GIL BARROCA

Sempre me sahiste um alcovêta...!

MEM ROSADO

Isso é recadinho, hein?

MARTIM, tambem a San-Vito

Deixa-te ahi estar, se queres. A Brazia não tarda. Ella e mais a filha.

SAN-VITO, assentando-se n'um escabêllo

A filha! Aquillo é que é uma lindêza de moça!

MARTIM

Não as ha mais lindas por terras de Portugal!

SAN-VITO

Ha de ter um corpo doiradinho, de fazer uma pessoa...

GIL BARROCA

Tu tambem entendes d'isso, San-Vito?

SAN-VITO

De fazer uma pessoa... chorar!

MEM ROSADO

O que espanta é que a Brazia tenha guardado
honrada a filha...

MARTIM

Quer-lhe mais do que aos olhos da cara!

GIL BARROCA

Quem apanha aquelle amorsinho é o Braz
Garcia...

MEM ROSADO, desdenhoso

O poeta!

GIL BARROCA, em ar de mofa

Trata-a então de grande dona... É logo ri-
sinho na bocca e sombreiro ao largo... Parece
que véste de sêda as palavras que lhe diz...*San-Vito vae até junto do arco, a espreitar*

MEM ROSADO

Traz casamento concertado com ella...

GIL BARROCA

A filha de uma alcoviteira...!

MARTIM

Mas o certo é, que é honrada!

MEM ROSADO

E depois, cioso... Aquella noite em que elle deu nos cinco rascões que lhe estavam a musiquiar debaixo da janella da menina...

GIL BARROCA

Bem no sei. Eu vi... de longe. Não quiz ser dianteiro, para resguardo das queixadas.

MEM ROSADO

Só com duas trêtas d'unhas acima e tres zurzidos, deu n'elles que os deixou a escorrer sangue... A todos cinco!

MARTIM

Valente como um tronco, lá isso é... E poeta de feição!

MEM ROSADO, a Gil Barroca

Acautela-te. Poucos olhados lá para cima. Com o Braz Garcia não se brinca. É serrano, tamanhou-

ço e do mais fidalgo sangue. Peor é cubiçar-lhe a moça do que errar-lhe os versos do villancete, como o Vasco oleiro... Assim como assim, a filha da Brazia já ninguém lh'a tira...

SAN-VITO, que tem sahido á betesga, voltando e ouvindo as ultimas palavras de Mem Rosado

Isso agora...!

MEM ROSADO

Isso agora o quê, San-Vito?

SAN-VITO

Isso agora é o que nós havemos de vêr!

GIL BARROCA, a Mem Rosado

Que diz elle...?

MARTIM, junto do arco do fundo, olhando

Lá vem a Brazia adéla, mais a filha...

SAN-VITO, indo espreitar

E é que são!

MARTIM, olhando ainda

Como a mocinha vem linda, com o seu garavim de fio d'ouro na cabeça! *(falando para fóra)*
Eh, mana Brazia! Tem por cá quem na busque!

SCENA QUARTA

OS MESMOS, MARIA, BRAZIA

BRAZIA, entrando, muito enfadada, com as mãos a agarrar nas ilhargas da saia

Ora, ora! Estas poças da betesga! (*n'outro tom*) Quem me busca? (*regaçada, olhando a saia*) Toda suja de lama, uma saia golpeada de mosqueta que me tinha custado cem cruzados! Ora, ora! (*lobregando San-Vito*) Ah! És tu? Dou-te a San Sadorninho, que já me enfadas! Dize-lhe que não, que não e que não! Ouviste? Uma moça formosa é um visco de ociosos. Todos se apégam a ella. Que não, que não e que não! — E vae-te, não me tentes!

SAN-VITO

Mas, mana Brazia... Era só...

BRAZIA, atalhando, arrenegada

Vae-te, não me tentes!

MARIA, que traz um açafatesinho sobraçado

Venha, mãe... Deixe-o lá...

MARTIM

Não se amofine, mana Brazia, que envelhece.

BRAZIA

Sempre este varas-verdes a tremer diante de mim ! Até faz afflicção !

GIL BARROCA, com a mão sobre o hombro de Mem Rosado, olhando Maria

A graça do andar, o rostinho...

MEM ROSADO

E os beijos, que parecem borlantins de Italia...

BRAZIA

Que dia, Jesus, que dia ! Nos tempos d'agora já se não pôde ser adéla nem cabelleireira. Chega-me ahi um escabéllo, ó Martim Ruivo... *(Martim chega-lhe o escabéllo; Brazia assenta-se; Maria desce até á D. baixa, a falar com Vasco oleiro)* Tão pechosas, estas donas ricas ! A condessa de Villa Nova, então ! Desde que pegou a moda dos signaesinhos á franceza, já quer um signalzinho aqui, outro signalzinho ali, outro signalzinho acolá, agora um na face, logo outro n'um peito... E a marquezia de Ferreira ! Aquillo não é andar vestida, senão revestida ! Parece Fama de procissão ! Jesus !

MARTIM

Os tempos vão mudados.

BRAZIA

É um nunca acabar! Dou em hectica! São todas Brazia para aqui, Brazia para acolá... Esta pelas agoas de rosto, aquella pelos sapatinhos d'ambar... E as que teem pano? É estar todo o dia a alimpar-lhes a cara com vidro! Jesus! Jesus! *(dando outra vez por San-Vito, que ateima em lhe falar)* Ainda tu ahí estás? Vae-te, diabo, vae-te, não me tentes!

SAN-VITO

Mas, mana Brazia... É só dizer...

Brazia repelle-o e fala com Martim Ruivo

GIL BARROCA, olhando Maria

O geitinho que ella tem na bocca...

MEM ROSADO

Mesmo um rostinho de tauria!

VASCO OLEIRO, a Maria, que tem pousado o açafate sobre o mainel

Foi má a venda?

MARIA

Tres dices d'ouro, que não mais, e uns sapatos de Valença com sóla de verdete... Elle ainda não veio?

VASCO OLEIRO

O senhor Braz Garcia...? Ainda não. Mas não deve de tardar.

GIL BARROCA

Sempre era recadinho, hein, San-Vito?

SAN-VITO

E segredo.

MEM ROSADO

Da parte de quem vens?

SAN-VITO

É segredo.

GIL BARROCA, empurrando-o

Vae-te com os teus segredos, bailão!

BRAZIA, a Martim Ruivo

...E então sobranceiras com linha! Faço duzias! Parece que todas teem as sobranceiras comidas, aquellas rainhas Pantasiléas!

MARIA

Eu vou subindo, mãe...

BRAZIA

Vae. Eu tambem já vou indo, filha.

GIL BARROCA, com galanteria affectadissima, para Maria que se afasta

Tenho corrido terras, andado por Flandres e por Italia, e nunca vi, nem nas santas pintadas, rostinho que mais devoção me fizésse...

MARIA, copiando, n'uma mesura graciosa, a affectação de Gil Barroca

Mercês...

MEM ROSADO, agarrando Gil Barroca

Olha se o Braz Garcia te desanca! A tua espada não vale uma canna de esfolinhar, ao pé da d'elle...

Vasco oleiro volta a cantar o villancete; Maria concerta o açofate e vae subindo a escada, de vagar.

SAN-VITO

Mana Brazia, então...?

BRAZIA

Valham-me as onze mil virgens! Mas que queres tu que eu te diga, amaldiçoado?

SAN-VITO

Eu é que lhe quero dizer...

BRAZIA

O quê?

SAN-VITO, arrastando-a para o fundo

Ha de ser á esconsa... O senhor D. Sancho
Manoel... (*perdem-se as palavras*)MARIA, que ouve o oleiro retomar a cantiga, vae subindo e cantando
com elle a «volta» do villancete:Por esse monte cançado
Já dois rebanhos levades:
O maior é de saudades,
O mais pequeno, de gado...

GIL BARROCA, a Mem Rosado, apontando Brazia e San-Vito

Aos segredinhos...

MARIA, suspendendo, ao ouvir Vasco oleiro estropiar os versos e pa-
rando no topo da escadinhaNão... Não é assim, Vasco Affonso... Elle tem-
te ensinado tanta vez... (*repetindo*) «O maior é de
saudades, o mais pequeno de gado...» Se te ouvis-
se errar os versos, enfadava-se contigo...

VASCO OLEIRO

Tenho tão má retentiva...

Maria entra em casa; Vasco Affonso, na olaria; Braçia e San-Vito descem, segredando. Gil Barroca e Mem Rosado olham, ora os dois que segredam, ora Maria que vae a recolher-se.

BRAZIA, a San-Vito

Então, que o espére aqui em baixo ao dar das Avé-Marias, não é verdade?

SAN-VITO

Hão de estar quasi dando...

BRAZIA

Bom. Cá o espéro até ás Avé-Marias. Mas a minha resposta é sempre a mesma: que não, que não e que não.

SAN-VITO, sahindo, a correr, pelo fundo

Isso agora é lá com elle!

SCENA QUINTA

OS MESMOS, menos MARIA e SAN-VITO

GIL BARROCA, perseguindo San-Vito

San-Vito! Ó San-Vito! *(voltando)* Levou sumiço.

BRAZIA

Deixae-o lá.

MEM ROSADO

Então, mana Brazia, de quem era o recadinho?

BRAZIA

Coisas do mundo. Vão os tempos avéssos ás honestas. Não sei de fidalgo aprendiz que em se topando vestido á biscainha, cheiroso e com muitos dobrões na algibeira sem os ter grangeado, não levante os olhos mal levantados para a virtude.

GIL BARROCA, a Mem Rosado

Fala como honrada, a Brazia alcoviteira!

BRAZIA

Se a cachopinha fôsse torta ou charra, já não acontecia isto. Eu bem lhe digo sempre que ao sahir deixe o riso em casa. E ella é sisudinha e de muito recato... *(com gravidade cómica)* Estou em dizer que este desvergonhamento de más tenções vem de se lerem muito por ahi esses livros que se chamam de cavallarias. Das filhas d'uma estalajadeira sei eu, que dois dias depois de terem lido uma d'essas peçonhas, fugiram todas tres de casa, cada uma com o seu galante!